

A GENEALOGIA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO/APRENDIZAGEM DO TEMPO HISTÓRICO NO 1.º CICLO

Maria Glória Parra Santos Solé

Instituto de Estudos da Criança- Universidade do Minho
gsol@iec.uminho.pt

Resumo

Esta comunicação relata a experiência da construção e uso de genealogias por alunos do 1.º Ciclo, em quatro turmas do 1.º ao 4.º ano de escolaridade, numa escola de Braga. As turmas foram acompanhadas ao longo dos anos lectivos de 2003-2004 a 2004-2005. Este estudo exploratório está integrado no projecto de doutoramento da autora: *O ensino da História no 1.º ciclo: a concepção do tempo histórico e contextos para o seu desenvolvimento*.

O uso de genealogias é parte integrante do currículo do Estudo do Meio do 1.º Ciclo, mas por vezes esta estratégia não é adequadamente explorada e valorizada. A genealogia é uma estratégia que contribui para a aquisição de uma identidade pessoal pelos alunos e a compreensão de uma realidade histórica que se lhes apresenta mais próxima e concreta. Através da genealogia o aluno contacta com o seu passado pessoal quando constrói a sua ou com o passado nacional quando analisa por exemplo as genealogias de reis. Através desta estratégia os alunos adquirem e desenvolvem conceitos que directa ou indirectamente se podem associar a noções temporais: gerações; descendência; ascendência.

A metodologia seguida centrou-se na observação participante da autora na sala de aula e a partir desta na construção de diários de aulas, complementada com a análise dos trabalhos dos alunos.

Introdução

A criança desde a Escola Básica do 1.º Ciclo e mesmo no Jardim de Infância deve começar a contactar com fontes diversificadas, consultando, explorando, comparando e criticando. A escola deve promover e apoiar actividades que contribuam para o estudo da história local, da história da família e da história social.

A construção de genealogias pelos alunos, de diferentes níveis de ensino, contribuirá para promover a identidade pessoal de cada aluno e a compreensão de uma realidade histórica que lhes é próxima e acessível. Permitir-lhes-á desenvolver valores culturais e afectivos, que são muitas das vezes esquecidos na sociedade actual (sobretudo na família) contribuindo para a construção da identidade. Identidade essa, que se constrói “a partir do conhecimento da forma como os grupos sociais de pertença viveram e se organizaram no passado, mas também da verificação da forma como se estruturam para fazer face aos problemas do presente, tendo uma componente que aponta para o futuro, pelo modo como este se prepara através da fixação de objectivos comuns”(Manique & Proença, 1994, p. 24).

Segundo Françoise Zonabend (1991) através da genealogia o indivíduo não se procura enquanto tal, mas enquanto produto de uma descendência, que resulta num movimento de

retorno às fontes, às origens, em busca de uma identidade regional ou social esquecida. A genealogia é também uma sucessão de nomes próprios. Os antropónimos que classificam cada indivíduo numa linha de descendência, inscrevem-no num tempo e num espaço conhecidos e impõem-lhe uma identidade que ele não escolheu.

Os estudos genealógicos contribuem para a criação na escola de uma metodologia activa, capaz de fazer os alunos reviverem o passado da sua família de forma gratificante e motivadora. Pretende-se com estes estudos que os alunos conheçam o seu passado e dos seus familiares e demonstrar que cada pessoa tem a sua história biográfica, o seu percurso original e específico, a sua individualidade própria e ainda mergulhar na história social e da família, através da espessura biográfica das trajectórias familiares, que veiculam um conjunto complexo de referências culturais que decorrem da época histórica em que vivem e da vivência quotidiana das relações sociais em que estão actualmente inseridos (Costa & Machado, 1987). Permitem ainda estes estudos serem um “laboratório vivo de história” assim designado por Helena Araújo e Stephen Stoer (1993), pois permite estudar a história contemporânea, as grandes mudanças tecnológicas, científicas, económicas e sociais que ocorrerem nos últimos cem anos. Se os alunos compreenderem as dificuldades sentidas a vários níveis pelos seus antepassados, poderão compreender melhor a sociedade de outros tempos, a sua mentalidade, maneira de viver e sentir.

O estudo da história de família na escola estimula um trabalho de investigação rico e significativo partindo das vivências e interesses das crianças, do seu presente familiar para o seu passado. Para Steel e Taylor (1973) “A História de Família (...) fornece um tipo de investigação que é ao mesmo tempo, relevante já que começa com a vida da própria criança e os seus interesses, e abrangente porque diz respeito a um período de tempo e de extensão que pode ser facilmente apreendido (p.6). Afirmam ainda que a “História de Família é o meio ideal para introduzir as crianças nas aptidões do historiador mas também para a mergulhar no passado” (p.8). A ideia de que a criança não é apenas uma autoridade, um mero objecto a ser estudado pela história, mas sim o sujeito e objecto de estudo, e o seu passado familiar. Elas são encorajadas através destes estudos a recolher informação sobre um passado anterior, não por serem obrigadas a tal mas porque lhes diz respeito e ser relevante para o estudo da sua família.

Assim, com este estudo exploratório pretendemos contribuir para divulgar a metodologia das genealogias como instrumento/processo didáctico. Demonstrar em que medida esta metodologia permite desenvolver nas crianças noções de temporalidade assim como promover a compreensão do tempo histórico. Identificar alguns problemas de carácter teórico e prático que podem surgir com a construção de árvores genealógicas.

Enquadramento do estudo

Faz parte integrante do currículo do pré-escolar e do 1.º Ciclo o estudo da família. No 1º Ciclo, no bloco 2 - *À descoberta dos outros e das instituições*, agrupam-se os conteúdos referentes ao tempo histórico, partindo da história da família da criança para se alargar à história do meio local e às suas ligações com a história nacional. Neste bloco no 1º ano a unidade 1 centra-se nos membros da família, onde se dá importância ao nome, apelidos, sexos, idade, relações de parentesco. No 2º ano, na unidade 1- *O passado próximo familiar*, o aluno deverá reconhecer e localizar datas e factos, em linhas de tempo e mapas. No 3º ano, na unidade 1- *Os membros da sua família*, o aluno deverá estabelecer relações de parentesco, devendo construir árvores genealógicas até à 3ª geração (Ministério de Educação, 1998). Os estudos genealógicos são parte integrante do currículo nacional do Jardim-de-Infância e do 1º Ciclo, propondo-se uma variedade grande de actividades e metodologias para a sua abordagem.

Muitos manuais apresentam exemplos de árvores genealógicas, e que muitas vezes não são as mais correctas. Segundo Freitas (2001) poderemos construir árvores algo diferentes, isto se numa opção incluirmos todos os familiares, por gerações, tornando-se esquemas complexos, o que se torna complicado para as crianças, sobretudo se isso acontece para lá da sua geração. Uma segunda opção apenas inclui os ascendentes directos. Nesta tipologia aplica-se mais directamente a metáfora “árvore”. Normalmente as árvores genealógicas aparecem com as gerações mais afastadas em cima e as pessoas que vivem na actualidade em baixo. A metáfora da árvore, induz no entanto que esta deveria ser ao contrário, isto é, a raiz e tronco, a parte de baixo, seria o início da genealogia, e partir-se-ia para cima, dos ramos mais grossos para os mais finos, os mais numerosos, as pessoas da actualidade, portanto mais ramos em princípio. A forma de elaborar árvores genealógicas pode depender das ideias que vigoram na sociedade e das tradições relativamente ao parentesco.

Pesquisando em alguns dicionários encontramos diferentes definições para o termo genealogia.

Genealogia: “sf. Série de gerações pertencentes a uma família; filiação em ordem regressiva de um indivíduo ou espécie, que determina a ascendência; relações genéticas, estabelecidas através de gerações, entre seres vivos; origem; procedência; linhagem; estirpe” (Do gr. Genealogia, ‘id’, pelo lat. Genealogia, ‘id’).¹

¹ Costa, J. Almeida & Melo, A. Sampaio (1995). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora - 7-ª edição revista e ampliada.

Genealogia: “A genealogia é a ciência que estuda as linhagens e os métodos usados na investigação destas a fim de estabelecer a árvore genealógica de uma pessoa, família ou grupo. A Genealogia é, pois, parte integrante da História Social.” (Oliveira, 1987, p. 307).

Tendo a genealogia a finalidade de estudar as origens de uma família, estabelecendo uma linha de filiação entre os seus membros, desempenhou sempre um papel preciso de interesse histórico. Segundo Zonabend “a genealogia é, com efeito, um discurso sobre o tempo. Qualquer pessoa se encontra inscrita numa rede genealógica organizada espacial e temporalmente onde se misturam o passado e o presente, onde se esboça o futuro” (Zonabend, 1991, p.185). A ideia de reversibilidade do tempo está nela contida, na qual anterioridade e reversibilidade são efectivamente confundidas, claramente visíveis através da terminologia de parentesco, e das formas de nomeação e da sua transmissão de geração em geração.

Na escola pode-se motivar os alunos explorando figuras de árvores genealógicas diversas (genealogias de personagens ficcionadas, genealogias de figuras ilustres, genealogias de reis, esquemas de linhagens, esquemas genealógicos, esquemas inspirados nos livros de quatro costados). Em diversos manuais encontramos vários esquemas de *árvore genealógica*, podendo variar de forma o organigrama ou complexidade, sem que isso seja essencial para a sua construção, no entanto estes esquemas facilitam a compreensão do tempo e as crianças gostam. Também pode ser uma descrição, ou narrativa. Poderemos apresentar às crianças esquemas exemplificativos, acompanhados de uma descrição sobre a família de uma personagem e fazer-lhes perguntas sobre membros e graus de parentesco entre eles. Os alunos poderão completar esquemas simples indicando o nome dos seus familiares e incluir outros elementos, a data de nascimento e morte (nos casos em que já faleceram) e respectivos locais, a profissão, o número de filhos, outras informações interessantes como gostos e preferências, traços físicos ou de personalidade, etc. Podem ainda fazer a história da família, contar episódios, fotografias dos seus membros, objectos pessoais identificativos, etc.

Na construção de genealogias é preciso salvaguardar determinadas situações embaraçosas que possam surgir para as crianças quando confrontadas com situações pessoais que não se enquadram dentro dos padrões tidos como de “família arquetípica”, viverem só com um dos pais, um deles já ter falecido ou viverem fora do seio familiar por variadíssimas razões ou desconhecerem membros da sua família. O professor deve estar atento a estas situações.

Descrição do estudo exploratório

Este estudo exploratório foi realizado no âmbito do projecto de doutoramento da autora: *O ensino da História no 1.º ciclo: a concepção do tempo histórico e contextos para o seu desenvolvimento*. Ao longo de dois anos lectivos 2003-2004 e 2004-2005 foram programadas várias actividades didácticas, visando verificar como as crianças desenvolvem noções temporais e a compreensão histórica ao longo dos 4 anos do Ensino Básico do 1.º Ciclo. É um estudo de caso longitudinal, centrado na investigação-acção, com o objectivo de aferir as actividades planificadas e os materiais didácticos usados em turmas do 1.º ao 4.º ano de escolaridade. De entre as várias estratégias usadas, uma delas foi a da utilização e construção de genealogias pelos alunos. Este estudo foi realizado numa escola do centro da cidade de Braga, tendo sido acompanhadas as turmas do 1.º e 3.º ano de escolaridade que transitaram neste ano lectivo para o 2.º e 4.º ano respectivamente.

A metodologia para recolha de dados centrou-se na observação participante da autora na sala de aula e na recolha de notas de campo realizada pelas professoras das turmas. A partir destas técnicas foram construídos diários de aula, complementados com a análise dos trabalhos realizados pelos alunos.

De acordo com o programa curricular foram programadas actividades com o recurso a genealogias, diferentes em termos de complexidade atendendo ao ano de escolaridade dos alunos e associadas na maior parte das vezes a outras estratégias (pesquisa documental e oral, diálogo, linhas de tempo, construção de pequenas biografias, narrativas, exploração de fotografias e de conceitos).

No início do estudo exploratório nas turmas do 1.º e 3.º ano de escolaridade enviámos aos encarregados de educação uma carta explicando a actividade que iam realizar e solicitar a colaboração destes facultando fotografias para a construção da árvore genealógica. Para o 3.º ano foi também pedido o preenchimento de um questionário com dados sobre os membros da família (nome, data de nascimento, data de casamento, data de óbito, profissão, escolaridade e naturalidade).

Sempre que sejam solicitados dados pessoais e fotografias torna-se necessário proceder com algum cuidado e de forma ética garantido o anonimato dos dados e de toda a documentação enviada pelas famílias, como por exemplo fotografias. Salvaguardados estes procedimentos, a aceitação e envolvimento da família nesta actividade de construção de genealogia foi maioritariamente bem aceite. Poucos foram os casos em que as professoras tiveram que insistir com os pais para trazerem o material solicitado para a actividade, uns por descuido, outros por falta de tempo para proceder à selecção de fotografias ou por não as terem de alguns familiares,

ou por situações familiares complexas, como a separação dos pais e a dificuldade de obter dados da parte de um deles. Os motivos podem ser variados, o que pode inviabilizar ou dificultar actividades desta natureza. Conscientes destas dificuldades, tomámos as devidas precauções e preparámos a actividade com bastante antecedência. Por vezes, podem surgir casos onde os alunos não tenham condições para completar na íntegra a sua genealogia. O professor deverá estar atento a estas situações e minimizar junto dos alunos os constrangimentos que daí possam advir.

A actividade de construção da árvore genealógica realizada no 1.º ano teve a duração de 2 horas. Com esta actividade pretendeu-se que os alunos desenvolvessem as seguintes competências: iniciar actividade de pesquisa com a colaboração dos pais e outras pessoas a partir de fontes familiares (fotografias, fontes orais); seleccionar as fotografias para a construção da árvore genealógica; promover o interesse pelo conhecimento do seu passado familiar; recolher informações sobre os seus ascendentes; saber comunicar as informações recolhidas; identificar os elementos da sua família; estabelecer relações de parentesco; construir uma árvore genealógica; descrever as características dos seus familiares; reconhecer parecenças; referir nome e apelido dos seus familiares (pais e avós). Numa fase introdutória, procedeu-se a um diálogo com os alunos, para verificar o conhecimento tácito destes acerca dos conceitos de família (biológica e não biológica) parentesco e graus de parentesco. Foram-lhes colocadas várias perguntas: O que é para vós uma família? Como é a vossa família? Quem faz parte da vossa família? Será só família os que são do mesmo sangue? Que tipo de famílias conhecem? O que são os parentes? Que graus de parentesco conhecem?

À pergunta: “O que é para vós uma família?”. O Paulo² respondeu: “São os nossos pais e avós. A Maria acrescentou: “São as pessoas ligadas pelo mesmo sangue, são os pais, os primos, os tios e avós” (D.A. 21-01-04)³.

Pretendendo alargar o conceito de família expresso pelos alunos a professora questiona sobre outro tipo de famílias que possam existir, nomeadamente famílias com crianças adoptadas, famílias monoparentais, famílias extensas, famílias de união de facto, famílias complexas resultantes de segundos casamentos.

A professora fala também das relações familiares que não são só estabelecidas por laços de sangue. A professora introduz o assunto perguntando-lhes: “Só será família aquela que dos avós nasceram os pais e destes os filhos, ou seja serem do mesmo sangue?” Os alunos ficaram admirados. Continuou a professora:

² Os nomes dos alunos referidos nos diários são pseudónimos

³. Diário de aula (D.A.) com indicação da data da aula.

“Sabem que há meninos que não têm pais como vós. Não têm o que vocês têm. Para onde vão estes meninos?” Um dos alunos disse que estes iam para um colégio interno, ficando à espera que uma família que os levem. Perguntou novamente a professora: “será que podem fazer parte de uma família?” “Podem”- responderam todos. (...)

“Quando os casamentos acabam o que é que acontece?” Respondem: “Separaram-se, há divórcio”. A professora pergunta-lhes: “Geralmente com quem ficam os filhos?” “Com as mães”- responderam, mas o Diogo disse que também há pais que ficam com os filhos (D.A. 21-01-04).

Deu-se início à abordagem do conceito de *geração*, trabalhado pela professora através do processo de pergunta-resposta a partir da exploração de um esquema com os graus de parentesco e da árvore genealógica a completar pelos alunos. Procurou-se facilitar a compreensão da existência de gerações com base na realidade familiar dos alunos. Estes discursaram sobre a sua existência no seio familiar e das várias gerações da sua família (pais, avós e bisavós).

A professora continuou perguntando-lhes: “Como é que vocês apareceram? A Ana Maria para explicar como ela surgiu referiu:”O meu avô e a minha avó casaram-se, depois os pais casaram e nascemos nós”. O José Paulo acrescentou: “Para existirem os avós os bisavós tiveram que casar”. “O que aconteceu depois?” - Perguntou-lhes a professora. Os alunos responderam: “os avós casaram e nascemos nós”. A Julieta disse: “Mas antes de casarem eles não eram nossos avós?” A professora verificando que a aluna não tinha compreendido bem, esclareceu-a dizendo-lhe que depois de eles casarem é que nasceram os pais (D.A. 21-01-04).

Verificamos que alguns alunos desta faixa etária associaram o conceito de bisavó ao conceito de tempo “velhinho” (que já viveu muito), mas também a um estado físico “doente”. A ideia de degeneração das capacidades pareceu-me estar associada também ao conceito de bisavós transmitida por certos alunos.

A professora interroga-os sobre os bisavós. A Carlota interveio dizendo: “Eu não conheci nenhum dos meus bisavós”. A Ana Isabel disse só ter conhecido a bisavó. Comentaram os alunos que esta era muito velhinha. “Como é que vocês sabem que era velhinha?” perguntei-lhes. Um dos alunos disse: “ser velhinho é ser doente”. A Anabela referindo-se à sua bisavó disse que não concordava. Para o José Paulo ser velhinho “era uma pessoa que era muito grande e começa a mingar.” A professora explicou que não era bem assim, o que acontece é que quando envelhecemos perdemos capacidades, dando exemplos. (D.A. 21-01-04).

Constatamos que os alunos quando solicitados a falar da família, sobre o que é a família e os graus de parentesco, já têm um conjunto de conhecimentos adquiridos. Sobre o assunto

exprimem-se com facilidade e identificam os diversos graus de parentesco. Os alunos facilmente reconhecem e estabelecem relações de parentesco: irmão - irmão; pai - mãe; tia - sobrinho; avó - neto. Outros graus de parentesco mais complexos, como sogro, sogra, nora e genro poucos alunos revelaram conhecê-los e explicá-los. Falam espontaneamente das suas vivências familiares. O tipo de família por eles apresentada é a na sua maioria o conceito de família biológica, nuclear e por vezes também se referem à família extensa onde incluem tios, primos, avós e por vezes também os padrinhos. Esta integração dos padrinhos na família resulta na maioria por os padrinhos serem também muitas vezes membros da família, geralmente tios e primos.

Explicou-se a árvore genealógica aos alunos, o seu significado, porque era assim designada e o que representa. Esta ideia foi perfeitamente interiorizada pelos alunos, que no exemplo por nós construído, no tronco ficaria a fotografia deles, nos dois ramos seguintes o pai e a mãe, e nos ramos superiores os avós paternos e maternos. Os alunos não sentiram dificuldade em colocar correctamente nos lugares os seus familiares, do lado do pai os avós paternos e da mãe os avós maternos. À medida que realizavam a actividade mostravam aos seus colegas os membros da sua família. Todos identificaram correctamente os avós maternos e avós paternos. Os conceitos de materno e paterno foram introduzidos no vocabulário dos alunos substituindo a tradicional designação de avós da parte da mãe e avós da parte do pai. A partir da sua árvore genealógica os alunos apresentaram à turma a sua família, referindo os graus de parentesco, o nome destes e caracterizaram-nos. Os seus trabalhos foram expostos na sala de aula.

Esta turma, mas já no 2.º ano, na actividade *Conhecer melhor a família: conhecer e localizar datas, acontecimentos e festividades da nossa família*, uma das tarefas da actividade usou como suporte a árvore genealógica que tinham realizado no 1.º ano. Pretendeu-se com esta actividade desenvolver nos alunos várias competências: aplicar conhecimentos adquiridos sobre as unidades de tempo: dias da semana, semanas, meses e ano; conhecer factos e datas importantes da família; localizar no tempo essas datas usando o calendário; sequencializar os elementos da sua família do mais velho para o mais novo; conhecer as origens da sua família. Partindo de um questionário que previamente tinha sido distribuído, os alunos com a ajuda dos pais procuraram recolher informações sobre os seus familiares (nome, apelido, data de nascimento, idade, naturalidade e profissão). Na sala de aula o professor⁴ distribuiu a árvore genealógica realizada no ano passado e pede-lhes que a completem com os dados que têm no questionário, colocando por baixo ou por cima da fotografia, isto dependendo do espaço que tenham, o nome, apelido, a data de nascimento e a idade. Nesta tarefa os alunos demonstraram

⁴ A turma que acompanhamos do 1.º para o 2.º ano teve neste ano lectivo um outro professor.

serem capazes, sem qualquer tipo de ajuda, de procurarem a informação necessária que se encontrava no questionário e colocar correctamente os dados dos seus familiares na árvore genealógica. À medida que preenchiam os campos interagiam com o colega de carteira falando sobre os seus familiares. Terminada a tarefa o professor explora com eles a árvore genealógica. Pede-lhes para verem a partir da árvore genealógica quem na sua família é o mais velho.

Glória: “Na minha família a pessoa mais velha é a minha mãe, porque tem 41 anos e o meu pai 40 anos. Os meus avós já faleceram”.

Carlota: “A minha avó materna tem 73 anos”.

A Ana Maria por iniciativa toma a palavra e começa por explicar o significado de avó materna: “Avó materna vem de mãe e avó paterna vem de pai. Avó materna é a mãe da minha mãe. Paterna vem de pai, por isso avó paterna é a mãe do meu pai. Na minha família a mais velha é a minha avó materna que tem 78 anos. A mais nova sou eu e tenho 7 anos”.

Maria: “Para se saber quem são os mais velhos olhamos para os avós, que são os que têm mais anos”(D.A. 21-02-05).

Pudemos constatar que a familiarização e interiorização dos conceitos de materno e paterno tinha sido plenamente já adquirida pelos alunos, assim como a associação da idade ao grau de parentesco e a referência apenas aos membros vivos na família.

Em seguida foi-lhes pedido para preencherem uma ficha de trabalho que completariam a partir dos dados do questionário. Aqui tinham que colocar os seus familiares por ordem do mais velho para o mais novo, o nome, o apelido, o grau de parentesco e a idade de cada um. Surgiram nesta tarefa vários momentos em que os alunos tiveram que reflectir e resolver alguns problemas de ordem temporal.

Diogo: Os meus avós têm os dois a mesma idade, ambos têm 64 anos, como é que faço?

Inv: Ambos têm os mesmos anos, mas não têm a mesma idade, como é que achas que podemos saber quem dos dois é o mais velho?

Apresentei o problema à turma.

Eduardo: Os meus avós também têm a mesma idade, têm 74 anos. Não sei qual é que ponho primeiro.

Inv: O que é que acham que poderemos fazer para saber quem é o mais velho?

Ana Maria: Eu acho que o mais velho é o que faz anos primeiro.

Inv: Concordam?

Alunos: Sim.

Inv: Então o que é que vocês têm que fazer?

Eduardo: Ver a data de nascimento, o primeiro que faz anos é o mais velho.

(D.A . 21-02-05).

Localizaram também no calendário datas importantes dos membros da família (aniversários) sinalizando-as com cores diferentes. Esta tarefa revelou-se relativamente fácil

para os alunos, resultante do treino adquirido em tarefas semelhantes realizadas em aulas anteriores. Esta tarefa permitiu-me concluir que os alunos na sua generalidade adquiriram a competência de usar e localizar datas no calendário, assim como se revelaram mais autónomos e rápidos na execução da tarefa.

Como iniciação à recolha de informação sobre o passado de um dos seus familiares os alunos entrevistaram um dos seus pais sobre como foi a sua infância, como era a escola, as brincadeiras e os brinquedos. A partir desta escreveram um texto onde compararam os tempos de infância dos seus pais com a deles. As suas narrativas foram partilhadas entre os colegas de turma.

No 3.º ano, para a actividade de construção de genealogias foram usadas outras estratégias didácticas, como a pesquisa e recolha de dados através do preenchimento de um questionário, entrevista a um dos familiares mais velhos, construção de linha de tempo da família, exploração de diferentes tipos de genealogias (árvores genealógicas, genealogias de reis, de famílias ilustres, árvores de quatro costados). Com esta actividade pretendeu-se que os alunos desenvolvessem as seguintes competências: conhecer-se a si mesmo valorizando a sua identidade e raízes; pesquisar (com a colaboração dos pais e familiares) a partir de fontes familiares (fotografias); promover o interesse pelo conhecimento do seu passado familiar; recolher informações sobre os seus ascendentes; saber comunicar as informações recolhidas; estabelecer a ligação entre o passado familiar e o passado histórico; construir uma árvore genealógica; reconhecer datas e factos significativos da história da família.

Procedemos da mesma forma, iniciando a actividade partindo dos conhecimentos que os alunos têm sobre os conceitos de família, parentesco, geração, genealogia. Foi-lhes apresentado o esquema da árvore que tinham que preencher com as fotografias e dados recolhidos a partir do questionário. Exploraram várias árvores genealógicas (esquemas de árvores genealógicas, simples esquemas, genealogias de reis, linhagens de famílias importantes, árvores de quatro costados), com o objectivo de verificarem a importância que a genealogia teve ao longo do tempo, em vários períodos, em diferentes sociedades e contextos. Pesquisam no dicionário o significado de genealogia.

Foram dadas as indicações de como deveriam proceder ao registo dos dados, a simbologia a usar e a cor para cada registo, com base na metodologia de reconstituição de paróquias de Norberta Amorim (1991). Registei no quadro os símbolos que deveriam usar para cada um dos actos vitais: nascimento N- a azul; casamento &- verde; óbito O- vermelho. Sobre o preenchimento da genealogia fomos detectando algumas dúvidas e por vezes situações de desatenção nos alunos como por exemplo:

O Filipe pergunta: “porque é que não se colocam na árvore genealógica os irmãos”. (...) Um dos alunos interroga-se: “para que são os quatro espaços que estão no topo da árvore?” (...)

O Alberto perguntou-me onde colocava a data do óbito dos pais. Interroguei-o se os seus pais já tinham falecido, ele rapidamente apercebendo-se do erro que cometera tentou emendar a situação (D.A. 21-01-04).

No processo de construção da árvore genealógica detectei que alguns alunos realizaram erros de registo, e confrontados com este facto aperceberam-se destes e corrigiram-nos.

O Guilherme registou a data de casamento dos avós, mas verificou que esta não poderia ser porque era depois do nascimento da mãe. (D.A.21-01-04).

Completaram também a linha de tempo da sua família, registando a data do seu nascimento, a dos irmãos, dos pais, dos avós, o casamento dos pais e dos avós e a data de óbito dos que já faleceram, usando as mesmas cores para cada um dos actos. Se alguns compreenderam perfeitamente a actividade detectei que outros colocavam mal os registos, por isso decidi que iriam realizar primeiro a actividade a lápis e só depois passavam a caneta de diferentes cores. Curiosamente alguns alunos que tinham percebido o que era necessário fazer, explicavam aos outros. Muitos basearam-se já nos dados que tinham retirado para a árvore genealógica outros preferiram procurar novamente nos questionários. A maior parte dos alunos preencheram correctamente a linha de tempo, em alguns alunos faltavam-lhes dados para a completar. O conhecimento sobre o passado familiar foi completado por outras actividades realizadas posteriormente, uma delas foi a realização de uma entrevista a um dos membros mais velhos da sua família e a partir desta construíram uma pequena biografia. Exploraram também fotografias antigas dos seus familiares.

No 4.º ano foram usadas e exploradas árvores genealógicas de reis integradas em diferentes actividades. Na unidade “A formação de Portugal” os alunos exploraram em acetato a árvore genealógica de D. Afonso Henriques. Promoveram-se alguns exercícios orais de identificação de graus de parentesco. D. Afonso Henriques de quem é filho? D. Afonso VI o que é a D. Afonso Henriques? O que são entre si D. Afonso Henriques e D. Afonso VII? O que lhe são D. Raimundo e D. Urraca? Este tipo de exercícios permitiu a aplicação do conhecimento de graus de parentesco adquirido em anos anteriores e a aquisição de conteúdos históricos de uma forma construtivista. A genealogia apresentada em esquema simplificado revelou-se um óptimo instrumento de leitura, facilmente interpretado e compreendido pelos alunos. Relacionado com as genealogias outros conceitos foram trabalhados pelos alunos, nomeadamente o de dinastia, filho legítimo e filho ilegítimo.

Inv: D. Afonso Henriques foi assim o primeiro rei de Portugal, inicia a 1.^a dinastia.
O que será uma dinastia?
Liliana: São os primeiros reis a governar Portugal até determinada altura.
Inv: Por que é que acaba uma dinastia?
Ninguém soube responder. Apresentei uma breve explicação sobre o assunto.
(D.A. 24-02-05)

Procuraram no dicionário a palavra dinastia e exploraram a 1.^a dinastia de forma interactiva no CD-ROM “Histórias de Portugal”. O esquema de uma dinastia é bem mais simples do que o esquema genealógico, porque não é preciso incluir todos os descendentes, só os reis e rainhas. Relacionado com o conceito de dinastia, surgiu a necessidade de explicar o conceito de ilegitimidade, conceito que surgiu na exploração da linha de tempo do século XI ao século XV, onde os alunos localizaram o início da 2.^a dinastia no século XIV.

Jorge: Os espanhóis tiveram que fugir e começa a 2.^a Dinastia com D. João I.
Quando referi que D. João I, mestre de Avis era filho ilegítimo do rei D. Pedro, uma aluna interrompe a explicação.
Juliana: Como sabiam que era filho ilegítimo?
Inv: Quem quer explicar como é que sabiam que era legítimo ou ilegítimo?
Paulo: Os reis tinham muitos filhos e os que nasciam deles próprios eram legítimos.
Paula: Eram os que nasciam na barriga da mulher.
Liliana: Os reis tinham outras mulheres e daí nasciam outros filhos esses eram ilegítimos. (D.A. 24-02-05)

A continuidade da utilização de genealogias ao longo do estudo realizado em dois anos nesta turma permitiu verificar que esta estratégia contribuiu para uma melhor compreensão histórica dos conteúdos leccionados. Os alunos revelaram capacidade de argumentação e de relacionar conceitos e aplicar conhecimentos adquiridos a novas situações pedagógicas e a conteúdos da História de Portugal, como por exemplo na abordagem do domínio filipino e da restauração da independência.

CONCLUSÃO

Este estudo, embora tratando-se de um estudo exploratório, permitiu demonstrar as potencialidades pedagógicas da utilização de genealogias na escola e como através desta estratégia se pode promover a compreensão de noções temporais, gradualmente em termos de complexidade de acordo com o ano de escolaridade. Trata-se de uma boa ferramenta para a aprendizagem da História, da compreensão histórica e iniciação à aprendizagem do tempo histórico. Permite a resolução de problemas de ordem temporal e o desenvolvimento do

pensamento concreto e abstracto. A potencialidade do uso de genealogias sai reforçado quando articulado com outras estratégias pedagógicas como ficou demonstrado neste estudo.

O objectivo não é tornar os alunos genealogistas, mas que conheçam o processo para a construção destas, pois facilmente alunos do 1.º ciclo poderão construir genealogias até à 3ª e 4.ª geração. Ao abordar-se as genealogias na escola não se pretende apenas que se façam árvores com os nomes dos ascendentes (pelo menos avós, mas também eventualmente bisavós). Podem abordar-se muitos assuntos a propósito, por exemplo profissões (mobilidade sócio-económica), mobilidade espacial (migrações). Podem assumir forma de narrativas individuais a partir das quais se recolhem dados com que se podem fazer quadros, gráficos, mapas, etc. Podem-se realizar linhas de tempo, construir retrográficos, em que os dados de nascimento e de morte se relacionam com acontecimentos da História de Portugal, facilitando a compreensão desses períodos através da vivência dos seus antepassados. A construção de genealogias pelos alunos permite introduzir o aluno em actividades de pesquisa e promover um conhecimento do passado familiar que lhe permite compreender melhor a realidade do presente. A exploração de genealogias de reis contribui também para uma melhor compreensão do tempo histórico, através da sucessão dos reis ao longo dos séculos.

Este estudo permitiu aferir algumas actividades e materiais didácticos usados, verificando-se em algumas casos a necessidade de alguns ajustamentos e melhoramentos para o estudo efectivo.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M. Norberta (1991). *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*. Braga: Universidade do Minho.
- AMORIM, M. Norberta (2002). Da genealogia à história da família. O contributo da demografia histórica. Actas da Mesa Redonda: *Da Genealogia à História da Família*. Instituto dos Arquivos Nacionais /Torre do Tombo (no prelo).
- ARAÚJO, Helena & STOER, Stephen (1993). *Genealogias nas Escolas: A capacidade de nos surpreender*. Porto: Afrontamento.
- BRANCO, José B. C. de F. C. (1990). *Árvores de Costados de Famílias Ilustres de Portugal*. Braga: Edições Carvalhos de Bastos, L.da.
- COSTA, A. Firmino & MACHADO, F.L. (1987) "Meios Populares e Escola Primária – pesquisa sociológicas num projecto interdisciplinar de investigação-acção", in *Sociologia – Problemas e Práticas* (2)

- COSTA, J. Almeida & MELO, A. Sampaio (1995). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora- 7ª edição revista e ampliada, p. 901.
- FREITAS, M. Luísa (2001). *Outra “história” para crianças*. Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- MANIQUE, António Pedro & PROENÇA, Maria Cândida (1994). *Didáctica da História: Património e história local*. Lisboa: Texto Editora.
- MILLER, Eric, (2000) *All in the family: Discovering relatives and the genetic connections between them*. <http://www.genealogy.about.com> (retirado em 03-07-05)
- MINISTÉRIO da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas*. Editorial do Ministério da Educação.
- OLIVEIRA, A. (1987). Genealogia. História. In *Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo.
- STEEL, D. J. & TAYLOR, L. (1973), *Family History in schools*, London: Philimore.
- TÁVORA, Luíz de Lancastre (1989). *Dicionário da Famílias Portuguesas*. Lisboa: Quetzal Editores.
- TAYLOR, Maureen A. *Family in the Classroom*. <http://www.genealogy.com/> (retirado em 03-07-05)
- VIANEZ, M. Isabel Figueiro (1995). *Genealogias e inter-acção escola-comunidade: projecto de investigação-acção em selho S. Lourenço*. Departamento de ciências da Educação. Braga: CEFOP-Universidade do Minho (policopiado)
- ZONABEND, Françoise (1991). “A memória familiar- do individual ao colectivo”. in *Sociologia- Problemas e Práticas*, n.º 9. pp. 179-190.